desleituras
Número 2
fev./mar. 2022

INFLUÊNCIAS

Mara Narciso

Quando alguém está se comportando de maneira inadequada, usando drogas, cometendo crimes, a família explica o fato, garantindo não ser defeito de caráter, mas o resultado da convivência com más companhias, estas sim, causadoras do mal. Muitos defenderão o lado bom do transgressor. E não será apenas sua mãe. Claro que a boa influência existe forte e algumas pessoas dirão que se decidiram estudar ou seguir determinada profissão por incentivo de alguém. Muitos começaram a fumar para copiar personagens de filmes ou de novelas, sem contar que a televisão tinha pelo menos um comercial de cigarro em cada intervalo. O ator Clint Eastwood, hoje com 90 anos, com seu personagem cowboy sujo da trilogia "Por um punhado de Dólares" - 1964, "Por uns Dólares a mais" – 1965 e "Três homens em conflito" (O Bom, o Mau e o Feio) - 1966, num universo de western até ali, com personagens engomadinhos, alterou a ordem no oeste. Os jovens se apaixonaram pelo comportamento

do personagem de poucas conversa e expressividade, que carregava no canto da boca um toco de cigarro fino de papel escuro. Muitos adolescentes da época não fumariam se não fora esse ator e personagem sugerirem que sensualidade e coragem se relacionavam ao tabaco. Até aqui, são 64 anos de Clint Eastwood estrelando filmes.

Há pessoas que se espelham na profissão dos pais para escolher qual trilha percorrerão. É comum vermos famílias em que quase todos seguem a mesma carreira. A vantagem é ter assunto em comum na hora do jantar e também a questão da herança e gestão do negócio. Noutros setores da vida, muitos saberão dizer quem os influenciou.

Na ideologia política a influência pode ser determinante e vir de familiares mais velhos e até da tradição familiar. Nesse item, são frequentes ovelhas desgarradas, que, no começo ficam amordaçadas pela maioria, para logo se fortalecerem e começarem a se posicionar em público. O sucesso do livro "Como fazer amigos e influenciar pessoas" (Dale Carnegie) mostra que quase todos querem influenciar alguém, tanto que, desde a pré-história, um grupo domina, controla e até mesmo escraviza o outro.

Há meses, circula nas redes sociais um desafio para que os usuários façam uma relação de livros e filmes, naquele estilo "os dez mais". Lista é ótimo, porque, mal é encerrada e já não vale, porque existe outra em mente. Logo, num tema ou no noutro, surgem os mais famosos destaques, como os ganhadores de Prêmio Nobel ou Oscar. Os sucessos de venda/bilheteria aparecem em quase

todas as listas, como também os mais "difíceis e complexos". Não há exigência de comprovação de se ter lido ou visto o título em pauta; o que se pede é para não fazer nenhum comentário. Isso ajuda nas listas esnobes.

As persuasões pessoais sofridas ao longo da vida podem ser solicitadas ou oferecidas, antes de qualquer pergunta. Não divulguei minha lista, pouco a pouco, um livro por dia, como pediam, mas a fiz mentalmente. Para minha formação como leitora, foi primordial ler, aos 11 anos de idade "A Chave do Tamanho", de Monteiro Lobato. Adiante, no meu rol segue-se "Clarissa", de Érico Veríssimo, aos 14 anos e então "Feliz Ano Velho", de Marcelo Rubens Paiva, aos 27 anos, o melhor livro que já li. Passei por muitos clássicos nacionais e estrangeiros, mas, a minha escrita jornalística sofreu influência foi da revista Veja, nos mais de 30 anos em que foi lida por mim de capa a capa. Certa vez, no aniversário de 40 anos da revista, encaminharam-me um teste com 100 perguntas. Acertei 95 delas. Naquele tempo, havia um bom veículo de informação, que noticiava e ilustrava, dando vocabulário e estilo. Há mais de 12 anos não leio a revista, mas a reverencio em relação aos bons e frutíferos tempos, antes de ela se tornar um panfleto. Finalizo, citando o falecido escritor gaúcho, radicado em Campinas, Pedro João Bondaczuk, do qual li crônicas todos os dias, durante mais de dez anos, exercendo em mim notável influência. E assim, vamos construindo o influenciar e o ser influenciado, no saber, ser, fazer e sentir.